# O mal está feito

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
*Jornalista*

O dia seguinte foi adiado. O país ganhou mais uma semana para olhar para Washington e se perguntar porque o presidente Donald Trump resolveu jogar no lixo 201 anos de boas relações diplomáticas, comerciais e financeiras entre Brasil e Estados Unidos. Os ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF) e agora especificamente contra o ministro Alexandre de Moraes vão além de qualquer medida imaginada ou concebida para atingir outro país em tempos de paz. É uma declaração de guerra. Uma invasão das atribuições constitucionais brasileiras por determinação de governo estrangeiro. Não há precedente para intromissão de tal magnitude na vida jurídica de um país organizado. É sempre bom lembrar Ulysses Guimarães, grande político e melhor frasista: "O Brasil não é uma Uganda qualquer".

O prejuízo está precificado. O Brasil vai perder, o comércio entre os dois países deve se reduzir e as relações diplomáticas ficarão seriamente estremecidas. Brasil e Estados Unidos sempre se reconheceram como países independentes. Um respeitou o outro, mesmo nos momentos mais difíceis. Jamais houve algo parecido com intromissão deste quilate promovida por Trump. As consequências virão depois. Prejuízos financeiros nos dois lados. Resultados políticos ainda não mensuráveis. Os bolsonaros estão liquidados. Pediram ao governo norte-americano para adotar medidas contra a economia brasileira na tentativa de paralisar processo judicial movido contra o papai. Eles colocaram a política pessoal acima dos interesses do país. Ninguém tolera traidores.

Houve concessões do norte-americano. Ele olhou para o interesse do consumidor e para o das grandes empresas norte-americanas. Liberou o suco de laranja, obrigatório no café da manhã norte-americano, e também aliviou os aviões produzidos pela Embraer que fazem sucesso no mercado interno daquele país. Recentemente, uma única empresa encomendou 74 aviões da empresa paulista. Outros itens foram aliviados. Mas o grosso das exportações brasileiras vai passar pelo funil das tarifas de 50%, impostas sem qualquer critério. Acordou de mau humor e atacou com sua caneta de tinta preta. Não satisfeito, mandou mais 25% contra a Índia e 35% contra o Canadá. Ele é o imperador do mundo.

Os europeus estão em polvorosa. A presidente da Comissão Europeia, Úrsula von der Leyen, assinou acordo com Trump considerado lesivo aos interesses da comunidade. Os principais líderes estão decepcionados, revoltados e indignados. A revolta não vai parar por aí. Os Estados Unidos possuem a maior máquina de guerra do mundo. Mas, neste caso, os tiros e as bombas não modificam o cenário. A negociação será feita nos grandes salões por diplomatas espertos e inteligentes. A maneira grosseira dos xerifes norte-americanos não vai prosperar por muito tempo. De vez em quando, aquele país é assolado por uma onda de direitistas radicais. O senador Joseph McCarthy agiu assim nos anos 40 e 50 do século passado. Procurou comunistas até debaixo da mesa.

Trump é uma nova versão dessa herança que o americano médio tem do caipira, dono de terras, que conquistou o Oeste com a força de trabalho de brancos que tinham ideia de criar um país para suas liberdades. Mas admitiam a escravidão de negros e a matança de índios. O macarthismo causou muitos problemas, porém se afundou na história. O namoro com o fascismo alemão também não foi longe. Mas os resíduos desse radicalismo, misturados ao desemprego causado pela globalização, produziram personagens estranhos. Um deles é Donald Trump, que não tem a menor vergonha de misturar o público com o privado. Ele foi à Escócia, semana passada, inaugurar mais um resort de sua propriedade.

O mal já está feito. Não há espaço para recuos, nem pedidos de desculpas. A questão de agora é administrar as perdas. A audácia do presidente Trump demonstrou que ele será capaz de promover profunda intervenção na eleição de 2026 no Brasil, mesmo que os bolsonaros estejam inelegíveis. Há, sempre, a possibilidade de golpe de Estado, ação que o governo dos Estados Unidos recorre quando decide impor pela força seus interesses. Não se esquecer que Trump tentou o golpe para não reconhecer sua derrota para Joe Biden.

É o momento de ligar todos os alarmes na defesa da democracia brasileira, que está sob severo ataque. Acabaram as ilusões e as possibilidades de palavras bonitas para recolocar o bom senso no centro do debate. Não haverá paz na política brasileira nos próximos meses, até a realização das eleições de 2026, que ganharam um surpreendente contorno dramático. Os dois grupos da extrema-direita, no Brasil e nos Estados Unidos, são veteranos de golpes de Estado. Nada impede que tentem de novo. Eles não têm mais nada a perder. Já perderam tudo. Até a vergonha.

Maurenilson Freire

# Escrevivência sobre o racismo e como tornei-me negro

» MARCIO CAMILO
*Jornalista e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso*

Eu devia ter no máximo uns 11 anos quando fui chamado de "preto safado" e de "frango de macumba" por um vizinho que, de tão branco, sua pele era vermelha. O motivo das ofensas foi porque estava brincando no gramado do condomínio e ele, lá do quarto andar, querendo dormir, escancarou sua janela e seu racismo. Havia outros meninos comigo, fazendo barulho tanto quanto eu. Todos brancos. Sobrou só para mim…

Depois do ataque, saí correndo assustado para casa. Eu tinha medo daquele racista declarado. Medo da confusão que isso poderia gerar, caso resolvesse relatar o episódio aos meus pais. Era muito novo para entender toda a complexidade e gravidade daquilo, num tempo, que por sinal, não se falava de racismo como se fala hoje. Também lembro de ter pensado que a culpa era minha: "quem mandou fazer barulho debaixo da janela do cara…". Assim, tranquei toda aquela dor em meu peito e joguei a chave fora. Só revelei essa história bem mais tarde, quando já estava adulto.

Aquele episódio de racismo na minha infância e tantos outros que se sucederam na minha adolescência e início da vida adulta foram se acomodando dentro de mim, como a estrutura racializada e naturalizada desse país assim o quer. E, assim, fui tocando o barco, sem muito tempo para tensionar as coisas. Era preciso estudar, trabalhar… O peso invisível, mas palpável, das microagressões e dos silenciamentos se acumulava, moldando percepções e autopercepções de forma sutil, mas implacável. O racismo estrutural, como tão bem pontua o sociólogo Silvio Almeida em sua obra *Racismo estrutural*, opera de maneira tão intrínseca à sociedade brasileira que, muitas vezes, manifesta-se não através de atos explícitos de ódio, mas por meio de mecanismos de exclusão e negação que perpetuam a desigualdade. A naturalização dessa condição é um dos seus traços mais perversos.

A tomada de consciência de todo racismo que já havia sofrido na vida só se deu aos 30 anos. Foi aí que me tornei negro. "Torna-se negro" é uma expressão da teórica Neusa Santos Souza. Ele foi vanguardista ao aproximar a psicanálise da questão racial. Em seus estudos na década de 1980, evidenciou o quanto o racismo afeta emocionalmente as pessoas negras. Então, saber-se negro no Brasil é viver a experiência de ser massacrado por uma estrutura que quer te manter subalterno, alienado para a manutenção do status quo, de uma sociedade essencialmente escravocrata.

Essa experiência de "tornar-se negro" é também um processo de ressignificação. Como aponta a filósofa e psicanalista Sueli Carneiro, fundadora do Geledés — Instituto da Mulher Negra, ser negro no Brasil implica lidar com a marca da escravidão e suas consequências, mas também em resgatar a dignidade e a ancestralidade, combatendo os estereótipos negativos impostos pela sociedade.

O meu processo de tornar-me negro foi muito doloroso, porque comecei a puxar na memória episódios ao longo da minha vida que eu nem achava que eram racismo, e eram. Comecei a entender certos comportamentos de insegurança e baixa autoestima da minha parte. Constatei que o racismo tinha muito a ver com isso, tinha a ver com tudo. Era um desvelar de camadas de opressão que se sobrepunham, afetando desde as escolhas mais triviais até as mais profundas construções identitárias. A negação da própria história e a internalização de discursos depreciativos são táticas do racismo para minar a psique negra.

Mas fui à luta como tantos outros pretos: comecei a trabalhar aos 17 anos, completei o ensino médio, fiz faculdade, casei-me, sou pai, sou funcionário público de carreira e mestre em comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Se tem uma coisa que o racismo e essa sociedade escravocrata que ainda vigoram no Brasil nunca conseguirão é definir quem somos. Essa trajetória de vida, comum a muitos, é um testemunho da força e da resiliência da comunidade negra, que, apesar dos obstáculos impostos pela estrutura racista, busca incessantemente o progresso e o reconhecimento.

Nessa jornada que ainda trilho, entendi que se torna negro não era somente ser afetado pelo racismo, mas, sim, contagiado por nossas histórias de resistência e resiliência.

Então, quando faço essa escrevivência, termo da linguista e escritora Conceição Evaristo se referindo à escrita que cura, não falo só sobre mim. É a partilha de uma vivência coletiva. A escrevivência não é apenas um relato pessoal, mas um convite à reflexão e à ação. A busca por uma sociedade antirracista é uma responsabilidade compartilhada, que exige a desconstrução de privilégios e a edificação de novas relações sociais pautadas pela equidade e pelo respeito à diversidade humana.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

# *1984* é bem ali

Observadores da cena internacional acreditam que o mundo caminha, nesta primeira metade do século 21, para uma espécie de "socialismo de castas", onde as elites cada vez mais empoderadas vão se eternizando no topo, com toda a espécie de direitos e privilégios, enquanto ao povo, essa histórica porção de ninguém, é dado como herança e destino um novo tipo de miséria, mais perniciosa e não menos desumana. Tanto a Europa quanto no nosso caso, assistimos a essa realidade advinda de um globalismo niilista, que vai, aos poucos, destruindo a democracia clássica em nome de uma falsa igualdade.

Trata-se de reconhecermos uma realidade poderosa que sintetiza um sentimento crescente de que os valores democráticos clássicos, como liberdade, mérito, mobilidade social, estão sendo lentamente substituídos por um sistema autoritário disfarçado de justiça social. O que vemos é um novo tipo de socialismo, mais adaptado ao nosso século e a um mundo superpopuloso e inquieto. A ideia de socialismo de castas expõe também uma contradição: em vez de eliminar desigualdades, o sistema as congela como deseja o globalismo.

O discurso da igualdade, quando instrumentalizado por elites políticas e econômicas globalizadas, acaba servindo como véu para manter seus privilégios intactos, enquanto impõe ao povo uma "igualdade na miséria". Não se trata do socialismo clássico, mas de uma versão tecnocrática, centralizadora, niilista — sem valores transcendentes, sem verdade, sem limites éticos, em que tudo é relativo, exceto o poder de quem o detém. O que está posto projeta para um futuro próximo o que é hoje, no presente, a realidade de países como a Venezuela.

Essa nova elite transnacional, formada por grandes corporações, organismos multilaterais e lideranças políticas, supostamente progressistas, defende uma ordem mundial em que o indivíduo é reduzido a estatística, o Estado nacional é esvaziado e a cultura local é vista como obstáculo à padronização social e econômica. Isso constitui um niilismo poderoso que vai rompendo paulatinamente com qualquer base moral objetiva: tudo é permitido em nome de uma suposta e ilusória inclusão e progresso. É o progresso não para a melhoria na qualidade de vida da sociedade, mas que a arrasta literalmente para um mundo distópico e sem esperanças.

Na Europa, o discurso igualitário avançou ao ponto de se tornar um instrumento de controle ideológico. Países como França, Alemanha e Suécia vivem crises internas com o multiculturalismo imposto, a erosão da cultura nacional e a criminalização do pensamento divergente. A promessa de igualdade e integração se transformou em zonas de exclusão social, guetos e insegurança. Além disso, a burocracia da União Europeia, distante da realidade dos povos, impõe regras ambientais, econômicas e culturais que favorecem grandes conglomerados e limitam a autonomia dos cidadãos comuns. Assim, a mobilidade social é engessada e a elite política permanece girando entre os mesmos nomes, partidos e interesses, numa pantomima ensaiada que vai aos poucos solapando a vida social, econômica e política como a conhecemos.

No Brasil, essa lógica se manifesta também de forma ainda mais perversa. Políticas públicas mal planejadas, sob o pretexto de "inclusão", criam dependência estatal em vez de emancipação cidadã. O Bolsa Família é hoje um verdadeiro labirinto sem saída e que vai aprisionando o cidadão ao Estado. A elite política brasileira, muitas vezes, aliada às ONGs internacionais e à grande mídia, perpetua sua influência sob o discurso de "representatividade" e "diversidade", enquanto entrega à população um sistema educacional falido, violência urbana crônica e oportunidades restritas. Tristes tempos estes em que o mundo e o homem vão perdendo sua identidade em nome de projetos que não são os seus.

Com essa nova realidade que vai se impondo, a meritocracia passa a ser demonizada como "elitista", enquanto privilégios de castas burocráticas, como no caso de magistrados, políticos, altos funcionários, seguem intocados. Cria-se, assim, um abismo intransponível: de um lado, uma elite protegida e globalizada; de outro, um povo sufocado, rotulado e manipulado. A destruição da democracia clássica, como a conhecemos, vai sendo posta de lado, como coisa do passado. A democracia clássica se baseava na alternância de poder, na liberdade de expressão, na igualdade perante a lei e no Estado de Direito. Tudo isso está sendo minado por esse globalismo niilista que substitui o debate aberto por narrativas únicas, a autonomia nacional por tratados internacionais e o cidadão por uma massa homogênea de "clientes do Estado".

Essa nova ordem se legitima por meio do medo, das pandemias, do clima e do discurso "de ódio" para justificar o controle crescente. O objetivo não é eliminar desigualdades, mas redistribuí-las de forma a manter a elite onde sempre esteve, blindada contra o povo e acima da lei. O mundo não caminha para uma igualdade verdadeira, mas para uma hierarquização disfarçada, em que a elite se apresenta como salvadora enquanto cristaliza os próprios privilégios. A democracia só sobreviverá onde há liberdade real, e essa depende de pluralismo, responsabilidade individual e soberania. O desafio está lançado: ou resgatamos os fundamentos da civilização ocidental, com suas liberdades e limites, ou assistiremos à consolidação de um novo tipo de despotismo, tecnocrático, globalizado e sorridente, mais parecido com o mundo previsto por George Orwell em *1984*.

## A frase que foi pronunciada:

"Você não pode escapar da responsabilidade do amanhã, fugindo dele hoje."

Abraham Lincoln

## História de Brasília

*Como não haverá eleição no Distrito Federal, os próprios líderes se descuidaram do caso, e não procuraram apresentar , por esse motivo, os nomes dos seus partidos.*
**(Publicada em 8/5/1962)**